

DOS MEANDROS DO PASSADO À CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: UM RELATO SOBRE PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO ÂMBITO DA LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL

FROM THE MEANDERS OF THE PAST TO THE
CONSTRUCTION OF METHODOLOGICAL STRATEGIES: A
REPORT ON RESEARCHES DEVELOPED IN THE FIELD OF
HISTORICAL-VARIATIONAL LEXICOGRAPHY

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio¹
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: Pretende-se, neste trabalho, a partir da apresentação das pesquisas realizadas no âmbito da lexicografia histórico-variacional, desde a iniciação científica, perpassando pelo mestrado até o doutorado, registrar os métodos e técnicas que têm norteado a sistematização dos itens lexicais patentes na documentação remanescente importante para o conhecimento da constituição histórica da língua portuguesa. Nessa perspectiva, no esteio dos estudos de Mattos e Silva (2006) e Machado Filho (2014; 2012), considera-se, aqui, essa documentação um subsídio para investigar a constituição histórica da língua portuguesa. Por essa razão, os corpora selecionados são ponto de partida, assim como ratifica-se aqui a necessária articulação entre o labor filológico e os preceitos da linguística histórica para a construção de estratégias metodológicas próprias à lexicografia histórico-variacional.

Palavras-Chave: Linguística Histórica; Filologia; Léxico do português arcaico; Lexicografia Histórico-Variacional; Metodologia.

¹ lisanasampaio@ufrb.edu.br

Abstract: *It is intended, in this paper, from the presentation of research carried out in the context of historical-variable lexicography, since scientific initiation, through the master's degree until the doctorate, to record the methods and techniques that have guided the systematization of lexical items evident in the remaining documentation important for the knowledge of the historical constitution of the Portuguese language. From this perspective, in the mainstay of the studies of Mattos e Silva (2006) and Machado Filho (2014; 2012), this documentation is considered a subsidy to investigate the historical constitution of the Portuguese language. For this reason, the selected corporations are a starting point, as well as the necessary articulation between philological work and the precepts of historical linguistics for the construction of methodological strategies specific to the historical-variational lexicographer is ratified.*

Keywords: *Historical Linguistics; Philology; Lexicon of archaic Portuguese; Historical-Variational Lexicography; Methodology.*

INTRODUÇÃO

Nada passa, nada expira / O passado é um rio que dorme / e a memória, uma mentira
multiforme.
(AGUALUSA, 2017, p. 12)

Interessado em interpretar os fragmentos do passado da língua, o linguista histórico diante das documentações remanescentes, “arquivos” detentores da “memória”, é como o arconte, magistrado responsável pela preparação das tragédias e comédias regidas pela memória engendrada², determinando a passagem do privado ao público (DERRIDA, 2001, p. 7-9).

Por esse ângulo, o crescente interesse pela investigação linguística da língua portuguesa em perspectiva histórica tem contribuído para o conhecimento e a divulgação de sincronias pretéritas que, durante muito tempo, estiveram encerradas nos “arquivos” reunidos nos acervos das bibliotecas públicas, sobretudo na Biblioteca Nacional de Portugal que conta com um notável número de obras³ disponíveis em versão digital⁴.

² Cf. <<http://www.aulete.com.br/arconte>>, 20 de setembro de 2020.

³ Neste trabalho, os termos ‘documento’, ‘obra’ e ‘arquivo’ são tomados como sinônimos, embora se reconheça que há distinções que precisam ser cuidadosamente revistas nessa posição.

⁴ Cf. <<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>> 20 de setembro de 2020.

O estudo dessa documentação tem permitido acompanhar diferentes processos de mudança nos mais variados níveis de análise linguística, como se observa nos inúmeros trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa para História da Língua Portuguesa (PROHPOR), em andamento desde 1991, na Universidade Federal da Bahia, fundado sob a coordenação da saudosa e renomada professora Rosa Virgínia Mattos e Silva⁵, e mais recentemente, desde 2013, no âmbito do Grupo Nêmesis,⁶ a que a autora se associa.

Dentre esses níveis, o léxico, considerado por Vilela (1994, p. 14), o “subsistema da língua mais dinâmico, por nele se refletirem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (VILELA, 1994, p. 14), em que constam “as designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade” (BARCELOS, 2000, p. 142) tem despertado o interesse de muitos estudiosos, reunindo esforços que têm contribuído para o registro e o conhecimento da constituição histórica das variedades do português.

Para conhecer a constituição histórica do léxico da língua portuguesa, tem-se desenvolvido uma série de investigações no âmbito da lexicologia e da lexicografia, nomeadamente em perspectiva histórico-variacional, já que a falta de normalização ortográfica do português na história permite evidenciar diferentes realizações fônicas representadas pelas oscilações idioletais e dialetais dos escribas da época (SAMPAIO, 2018).

Inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português é tarefa de que se ocupa a lexicografia, habitualmente definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc (WELKER, 2004, p. 11).

Machado Filho explica que a lexicografia histórica é

⁵ Cf. Teses, Dissertações e Trabalhos Coletivos no site do PROHPOR: <<https://www.prohpor.org/>>.

⁶ Cf. <https://gruponemesis.ufba.br>.

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

A fundação dessa vertente lexicográfica, ou seja, da lexicografia histórico-variacional, vem como resposta à pouca atenção que a lexicografia tradicional tem dado aos formatos lexicais que se dissociam dos padrões linguísticos adotados hodiernamente. Isto é, as realizações lexicais patentes na fala de diferentes dialetos brasileiros não têm conseguido o registro que a história deveria promover, haja vista que,

no que concerne ao léxico, desconhecem-se ou omitem-se, como produtos linguístico-culturais de importância para a compreensão do processo formativo da língua, os formatos morfofônicos dos metaplasmos tão comuns desde a passagem do latim para o português, tais como próteses ou aféreses, epênteses ou sínopes, paragoges ou apócopes, rotacismos etc., muitas vezes desprezados no processo de registro escrito da história linguística do País. Considerando que *verba volant*, é tempo de se evitarem as perdas a que se submeteram as línguas naturais, no que concerne às formas linguísticas das minorias no processo de construção das línguas de cultura. [...] mas já seria tempo de se estabelecerem estratégias pontuais que possam reverter, ao menos, parcialmente, a assepsia imposta pela norma-padrão aos formatos linguístico-lexicais dissonantes (MACHADO FILHO, 2014, p. 244).

Para isso, é preciso que o lexicógrafo histórico-variacional desenvolva métodos próprios que referendem atualmente elementos olvidados na passividade do passado.

Tal postura deve ter por escopo o registro de todas as formas observadas nos *corpora* investigados, independente da frequência de uso das unidades lexicais, como têm, até hoje, utilizado os lexicógrafos contemporâneos, isto é, deve-se inventariar toda “variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo

se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Em outras palavras, se no levantamento dos dados ocorre uma unidade lexical uma única vez e exclusivamente no feminino plural será esta a forma a compor o lema principal do verbete, evitando-se a canonização morfológica praticada na lexicografia tradicional, que nesses casos optaria por excluir o item no processo de composição da nomenclatura.

Assim, a composição dos *corpora* deve refletir mais proximamente possível as realizações lexicais pertinentes ao momento histórico em que se inserem, revelando-se-lhes na sua amplitude de variação em sua integridade mais real.

No que concerne à língua falada, em trabalhos realizados na perspectiva sincrônica, sobretudo, em trabalhos de lexicografia variacional sincrônica, as transcrições devem privilegiar grafematicamente as alterações fônicas, mormente, metaplásmicas dessas unidades. Quanto à língua escrita, em trabalhos histórico-diacrônicos, os textos devem ter sido transcritos também grafematicamente com as sinalizações de variação de cada uma dessas unidades, razão pela qual se tem optado por edições de caráter mais conservador.

Estabelecendo métodos que destoam significativamente dos ditames tradicionais da lexicografia contemporânea, na lexicografia histórico-variacional revisita-se o conceito de variante lexical, já que

quando se definem variantes lexicais a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise (MACHADO FILHO, 2014, p. 271).

Nessa linha de raciocínio, há de se concordar com Lorente quando defende que “os diversos aspectos do léxico (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) sejam representados de maneira integrada” (LORENTE, 2004, p. 27),

o que já propugna Machado Filho, em sua discussão sobre o conceito de variante lexical:

Quando relacionado a pesquisas de viés histórico-variacional, variante lexical deve ser entendida como cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica ou discursiva (MACHADO FILHO, 2014, p. 274).

Dando singular destaque ao trabalho de investigação com a finalidade de investigar, sistematizar e registrar o léxico do português arcaico, ao longo da sua atuação, o professor Américo Venâncio Lopes Machado Filho tem se dedicado ao desenvolvimento de métodos de trabalho no âmbito da lexicografia histórico-variacional, registrando as singularidades desse trabalho e formando pesquisadores engajados nesse empreendimento, tanto na iniciação científica quanto na pesquisa *stricto sensu* desenvolvida sobre esse tema no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia.

Coordenando, desde 2004, o projeto de pesquisa *DEPARC – Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, Machado Filho publicou em 2013⁷ a primeira etapa da realização desse dicionário, atualmente, em fase de expansão da nomenclatura. O referido pesquisador tem se dedicado à documentação inscrita, sobretudo, no arco temporal compreendido entre os séculos XIII e meados do século XVI, definido como o período arcaico⁸ da língua portuguesa⁹.

Machado Filho dedica-se também à construção do *Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB)*, o que tem fomentado o desenvolvimento de estratégias

⁷ Sobre as produções lexicográficas referentes ao Projeto *DEPARC*, além da primeira etapa do *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, publicada em 2013, Machado Filho publicou também o *Pequeno Vocabulário do Português Arcaico*, em 2014, e, mais recentemente, o *Novo dicionário do português arcaico ou medieval*, 2019.

⁸ A definição dos limites do português arcaico ainda está na agenda de discussões que devem ser revisitadas na pesquisa, entre outras questões acerca da periodização da língua portuguesa (Cf. Mattos e Silva, 2016).

⁹ Para saber mais sobre o tema cf. os textos de Machado Filho disponíveis no site do grupo de pesquisa Nêmesis: <<https://gruponemesis.ufba.br/>>.

metodológicas para trabalhos lexicográficos que operam, principalmente sobre a variação e a mudança, engendrando em seu labor investigativo, entre as ciências do Léxico, a *lexicografia histórico-variacional*, uma área de singular importância para o estudo da diversidade linguística.

Nesse fôlego, no domínio do DEPARC, foram desenvolvidos projetos de pesquisa sobre as obras a *Coronica do Condestabre de Purtugal* (1526), o *Livro dos Usos da Ordem de Cister* (1415) e as *cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca* (século XVI), entre os anos de 2008 e 2018. Tais esforços culminaram na construção e aplicação de métodos e técnicas rigorosos no âmbito da lexicografia histórico-variacional.

Neste trabalho, com o intuito de registrar os métodos utilizados nos trabalhos lexicográficos desenvolvidos ao longo de uma década de estudos sobre o léxico em perspectiva histórica, serão apresentados os trabalhos desenvolvidos a partir de cada *corpus* de pesquisa, observando as etapas de iniciação à atividade científica e a sua relevância para a construção do pesquisador e de novos interesses de pesquisa.

1 PRIMEIRAS INCURSÕES: UMA INVESTIGAÇÃO DOS ITENS LEXICAIS ONOMÁSTICOS DA *CORONICA DO CONDESTABRE DE PURTUGAL*

Como primeiras estratégias metodológicas, a descrição e análise realizadas a partir da leitura de um documento situado no período de interesse da pesquisa têm ratificado a importância da articulação entre o labor filológico e os preceitos da linguística histórica para a construção de trabalhos no âmbito da lexicografia histórico-variacional.

Em 2008, durante a pesquisa de Iniciação Científica, foi desenvolvida uma edição interpretativa da *Coronica do Condestabre de Purtugal*, utilizando um fac-símile comemorativo que foi publicado aquando da inauguração das novas

instalações da Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1969. A cópia anastática foi realizada a partir do original de 1526, de autor anônimo, impressa por Germão Galharde. Essa obra possui 69 fólios em reto e verso, em duas colunas, com letras capitulares ornadas com pássaros e motivos florais.

Para tratamento do texto, utilizou-se o Wordsmith 4.0 no sentido de permitir sua fragmentação em listas de palavras para posterior lematização. Na edição interpretativa elaborada, conservou-se, em sua totalidade, a forma dos elementos nominais, condição relevante para os estudos linguísticos que ora se apresentam.

Os itens nominais extraídos da obra quinhentista foram divididos em dois grupos: antropônimos e topônimos, que por sua vez foram subdivididos. Os antropônimos foram agrupados de acordo com o étimo; já os topônimos foram separados entre os dois grandes cenários da obra, Portugal e Espanha, e então, agrupados de acordo com os étimos.

A pesquisa etimológica do presente estudo baseou-se, principalmente, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1952). Todo elemento de ordem nominal foi considerado, inclusive alcunhas, designações de origens etc. Contudo o significado desses nomes não foi considerado como um fator de primeira grandeza, por considerá-los apenas identificadores, “sem qualquer implicação de ordem nocional a respeito da pessoa designada” (CÂMARA JR., 1979, p. 205).

Dos 54 elementos nominais extraídos da *Coronica*, segundo as etimologias encontradas no Dicionário supracitado, de Antenor Nascentes, apenas 8 são de origem germânica: *Abreu, Afonso, Álvaro, Fernando, Gonçalo, Henrique, Rodrigo, Ruy*. A maioria dos nomes é de origem latina: *Beatriz, Iria* (nome grego que veio pelo latim), *Lourenço, Marina, Nuno, Pedro, Estevão* (que também é do grego e veio pelo latim), *Martim* e os patronímicos, apesar de serem provenientes de nomes germânicos: *Alvares, Baldres, Fernandes, Gonçalvez ~ Gonçalez, Lopes, Paes, Pires,*

Sanches. Os patronímicos são de origem latina, pois formam-se com a estrutura do latim ibérico.

Só se identificou 1 nome de origem árabe: *Leonor* (a rainha casada com o rei dom Fernando de Portugal), nome tradicional português, apesar de a maioria dos nomes tradicionais estar nos nomes de origem latina. Há também nomes de origem hebraica: *João* e *Maria*. Do francês: *Dinis*, *Gil*. Outros são de origem geográfica, que é um sobrenome pelo nome do local de nascimento (ou proveniência), ou das terras que o indivíduo possuía, são eles: *Avis*, *Azevedo*, *Barroso*, *Carvalho*, *Castro*, *Couto*, *Fernando*, *Ferreira*, *Pereira*. Alguns não se encontram no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes: *Ans*, *Barrudo*, *Cambris*, *Cassal*, *Gileanes*, *Goes*, *Martinans*, *Mendafonso*, *Nunz*, *Pedreans*, *Porcalho*, *Rois*, *Ualco*, *Valhasco*, *Val*, *Valqueans*, e não tiveram suas etimologias encontradas àquela altura, conquanto se tenha identificado, posteriormente que *Ans* seria de origem germânica, denominando uma de suas divindades; *Gileanes*, provavelmente do francês *Gilles* (lat. *Egidius*) + *Anes*, e sua variante *Eanes* (lat. *Iohannis*); *Goes* (lat. **Goici*); sendo alguns aglutinações de diferentes nomes próprios, como *Martinans* ou *Mendafonso*, cujas etimologias identificam-se no espanhol *Martin*, com o antes referido *Ans*, no primeiro caso, e do arcaico *Meendo* (lat. *Menendo*) e o até hoje utilizado *Afonso* (de origem hispanovisigoda).

No campo onomástico, o aspecto semântico figura-se um tanto quanto complexo de ser esboçado. Se por um lado o sentido original dos nomes próprios nada tem a ver com o indivíduo nomeado, por outro, tais nomes não podem ser simplificados a meros “rótulos” ou “marcas”, conforme propõe Mill (apud ULLMANN, 1987, p. 154). Pode-se dizer que a função principal desses nomes é identificar, singularizar um elemento dos demais, esvaziando-se de seu sentido original e ganhando outras conotações de acordo com a motivação da sua escolha ou com o contexto em que está situado.

Nuno é um nome derivado do latim *nonnus*, mas não denota o significado de ‘palavra respeitosa da linguagem infantil: *aio*, pai’, mas o Condestável, protagonista da obra, a figura histórica consagrada como santo na memória lusitana.

Dessa maneira, pode-se afirmar que os nomes próprios são verdadeiras fotografias de uma época e para estabelecer o seu significado é preciso buscar desde o seu étimo até informações históricas relevantes sobre os nomeados e os grupos sociais a que pertenciam.

Quanto aos topônimos, por se situar a obra numa disputa territorial entre Portugal e Castela, o território ameaçado aparece em pequenos contornos, apresentando, assim, os pequenos lugares por onde *Nun’Álvares* passou em defesa do território português, combatendo os castelhanos e em obediência ao rei Dom Fernando de Portugal e ao Mestre de Avis, após a morte do rei Dom Fernando.

As cidades portuguesas são, assim como as da Espanha, a maioria de étimo latino: *Barcelos*, *Beja*, *Braga*, *Bragança*, *Coimbra*, *Évora*, *Leiria*, *Lisboa*, *Oliveira*, *Portalegre*, *Porto*, *Santarém*. Apenas 1, de étimo árabe: *Setúbal*. E uma de étimo germânico: *Guimarães*. Porém, no que se refere aos contornos menores, o étimo latino concorre com o étimo árabe. Dos topônimos extraídos aparecem *Almada* e *Arraiolos*, que são de étimo árabe e *Avis*, *Crato*, *Ourém*, de étimo latino além de *Entre Douro e Minho* e *Entre Tejo e Odiana*, que são lugares situados entre rios portugueses de étimo latinos, apenas *Ourique* é uma vila de Portugal de étimo germânico.

Entre as cidades da Espanha, o étimo árabe parece concorrer com o étimo latino: *Alcântara*, *Castela* e *Oliveira* são de étimo latino, *Almeria* e *Andaluzia*, de étimo árabe. Outro aspecto onomástico característico dessa obra quinhentista, é o fato de que a “denominação individual poderia também vir explicitada por uma qualificação geográfica tomada da naturalidade ou residência do

indivíduo” (DICK, 1992, p. 180), como nos exemplos que se seguem: *D. João Alcântara*, *D. João de Castela* (filho de D. Henrique de Castela, casado com D. Beatriz filha do rei *D. Fernando de Portugal*), *Mestre de Santiago*, *Alfajeme de Santarém*.

A partir da análise dos antropônimos extraídos da obra *Coronica do Condestabre de Purtugal*, pode-se concluir que o fato de a maioria dos nomes ser de origem latina está, provavelmente, relacionado à supremacia da Igreja Católica e do Cristianismo, que durante a Idade Média representou o poder supremo. Quanto à influência de elementos de origem germânica na onomástica de língua portuguesa, após o advento do Cristianismo, ela se reduz, e não obstante, terem deixado marcas em todos os níveis lexicais, principalmente na antroponímia. Observou-se ainda uma variação gráfica desses elementos que não pode ser atribuída exclusivamente ao plano fônico, mas sobretudo a ausência de normatização gráfica desses nomes. Os patronímicos passaram a sobrenomes, e, assim como os nomes de origem geográfica, são largamente encontrados na antroponímia atual.

Vale ressaltar que o método de pesquisa descritivo aplicado à pesquisa de cunho onomástico, assim como nos demais estudos que serão aqui apresentados, garante o rigor e a possibilidade de uma análise cuidadosa dos diversos aspectos linguísticos patentes no *corpus*.

2 POR OUTRAS VEREDAS DO ESTUDO DO LÉXICO: A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DO *LIVRO DOS USOS DA ORDEM DE CISTER*

O manuscrito 208¹⁰ integra a coleção de códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, composta pelas obras que faziam parte da biblioteca do

¹⁰ Cota do *Livro dos Usos da Ordem de Cister*.

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, até 1834, quando as ordens religiosas foram expulsas de Portugal (SAMPAIO, 2014).

A edição fac-similar a cores, a partir da qual se elaborou os trabalhos de cunho filológico está disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal no seguinte endereço eletrônico: <<http://purl.pt/15004/1/>>. Nesse endereço, além do fac-símile, há uma ficha bibliográfica que informa que o manuscrito em pergaminho – não especificando se é de pele de caprino, ovino, bovino – ilustrado e colorido, tem as dimensões de 275 por 182 mm; texto em português, títulos em latim; letra gótica, com iniciais filigranadas a azul e vermelho, somando um total de 113 fólios, em reto e verso (SAMPAIO, 2014).

Como tema de pesquisa de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, desenvolveram-se duas edições e um glossário dos fólios IVv-CIIr, que compõem o *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, propriamente.

O *Liber ad Usus Cisterciensium*, como se encontra grafado em latim, compreende a maior parte do códice, contando com cerca de 100 fólios, em reto e verso (4v-102r), de um total de 113. Note-se que apesar de o registro da Biblioteca informar que os títulos estão em latim, dos quatro títulos que compõem o códice, apenas este se encontra totalmente em latim, já que dois outros estão em português e o terceiro oscila entre o latim e o português. O texto, que segundo esse registro está inteiramente em português, apresenta em todos os fólios uma significativa presença de trechos em latim que variam em extensão (SAMPAIO, 2014).

A leitura desses trechos em latim, apesar de importante para a compreensão do conteúdo da obra, não foi levada a efeito em função de não ser objeto desta pesquisa e por, ademais, não se dispor de uma sólida formação em filologia clássica e um profundo conhecimento de latim medieval.

O cerne narrativo, como sugere o próprio título, são os ritos e hábitos dessa importante comunidade monástica, à guisa de uma prescrição do comportamento a ser adotado em diversas circunstâncias (nas festividades, missa, ritos fúnebres etc).

A definição dos critérios que constituem o alicerce do trabalho é uma etapa fulcral que demanda um estudo minucioso do *corpus*, articulado com o conhecimento depreendido de trabalhos precedentes da mesma natureza. A adoção e aplicação desses princípios norteadores (normas/critérios de edição) garantem o rigor filológico e a fidedignidade do texto.

Os critérios adotados nas edições realizadas tiveram como base as normas de edição de textos medievais adotados na edição diplomática e interpretativa do *Flos Sanctorum* (MACHADO FILHO, 2009), códice trecentista e na edição diplomática da quarta versão encontrada dos *Diálogos de São Gregório* (MACHADO FILHO, 2008), este último, um códice alcobacense, da mesma ascendência do *Livros dos Usos* (SAMPAIO, 2014). O *Flos* ainda não teve sua origem identificada, embora haja uma indicação, ainda não publicada por Machado Filho, de que poderia ser originário da região de Vila do Conde, no Norte de Portugal, nomeadamente do Mosteiro de Santa Clara.

Corroborando com a ideia, apresentada por Machado Filho, na edição diplomática dos *Diálogos de São Gregório*, de que

a oportunidade de leitura de um texto inédito, de que se desconhecem edições ou porque não se encontram disponíveis, demanda, certamente, logo à partida, uma postura muito mais conservadora de edição (MACHADO FILHO, 2008, p. 40),

julgou-se necessário elaborar uma edição mais conservadora, com o mínimo de interferências possíveis e com o intuito de servir à manutenção desse registro histórico-textual.

No entanto, considerando o intento de elaborar uma edição com fins a desenvolver estudos linguísticos (Cf. MACHADO FILHO, 2009, p. 45-48), foi elaborada também uma edição interpretativa.

Levando-se em consideração as ideias defendidas por Mira-Mateus (1995) de que a

exploração e análise em que está escrita determinada obra (sobretudo quando se trata de uma época recuada) só podem levar-se a efeito de forma completa se a obra for acompanhada de glossários (MIRA-MATEUS, 1995, p. 289)

e que a

realização de glossários parcelares constitui a melhor via para garantir de todos os pontos de vista, a elaboração de “Tesouros da Língua” e de dicionários históricos (MIRA-MATEUS, 1995, p. 289),

quis-se aqui colaborar para que essa garantia seja, ao menos tangencialmente, alcançada com a construção do glossário do *Livro dos Usos da Ordem de Cister*.

Ao contrário do vocabulário, o repertório de um glossário não persegue a exaustão dos itens lexicais patentes no *corpus*, ao passo em que o primeiro deve dar conta de todos os itens lexicais, o segundo pode definir os termos a partir de critérios previamente estabelecidos de seleção dos itens a serem lematizados (SAMPAIO, 2014).

Por se tratar de um *livro de usos* que apresenta não só a conduta dos componentes da Ordem, mas o seu vestuário, sua rotina, suas celebrações e festividades, liturgia, ritual fúnebre entre outras práticas da comunidade, a constituição de campos lexicais mostrou-se uma estratégia muito produtora na composição da nomenclatura do glossário.

A noção de campos lexicais utilizada foi cunhada por Vanoye (1996), certamente apoiada na célebre proposta teórica de Jost Trier (1931), mais tarde desenvolvida e ampliada por Coseriu (1964), inserida nas novas abordagens

pretendidas por outros autores em lugar das dicotomias saussureanas, conforme informa Machado Filho (2003b, p. 18):

Vanoye (1996:34), com boa simplicidade didática, distingue duas noções reticularmente interligadas, mas fundamentais para os estudos lexicológicos: os conceitos de campo semântico e campo lexical (...). Para o autor, campo semântico seria “o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado”, enquanto **campo lexical** poderia ser entendido como “**o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa**”. (MACHADO FILHO, 2003, p. 18) (grifo nosso).

Vale ressaltar que, como afirma Mira-Mateus (1995, p. 290), “qualquer seleção é necessariamente subjetiva” e que a estratégia de construção dos campos lexicais não contesta a subjetividade na composição da nomenclatura, uma vez que nem todos os campos foram lematizados, como por exemplo, o campo dos dias da semana.

Todavia por nortear-se pelos pressupostos da lexicografia histórica que, ao contrário da prática da lexicográfica moderna, prevê a lematização de todas as formas que atendem aos critérios de seleção, ainda que essas só ocorram uma vez no *corpus*, além disso, as formas atestadas no feminino ou plural e que não ocorram exclusivamente em sua forma neutra (masculino, singular), são lematizadas, diferentemente do que convém aos trabalhos lexicográficos modernos, o processo obedeceu à seguinte ordem de ação:

A partir da conclusão da edição interpretativa, tendo por base o original e seus arquivos digitais em dois formatos: *doc* e *txt*.

Utilizou-se o Programa informático concordanciador/fragmentador *Wordsmith Tools 4.0*, que pressupõe que a transcrição do material seja realizada em planilha de texto informatizada em planilha *txt*, para o arquivamento e tratamento dos dados.

O texto foi fragmentado em *wordlists* na ordem de frequência e na ordem alfabética, as quais auxiliaram na identificação dos signos lematizados, para posterior lematização. As listas geradas pelo programa são apresentadas em um

layout bastante claro e de fácil manejo, além de apresentar ferramenta para a contagem de frequência, agrupar variações, destacar palavras de acordo com o uso, fornece também estatísticas e concordâncias.

A partir dessas listas, foram definidos os campos lexicais da obra que haveriam de merecer um estudo lexicográfico, dentre os quais o campo dos cargos, funções e títulos, composto por itens que ilustram a organização hierárquica da vida monástica cisterciense, o campo das partes de um mosteiro e o campo dos antropônimos presentes no texto.

Dessa forma, os fundamentos principais considerados para a sua concepção priorizam o lema principal e o correspondente registro de variantes, isto é, lemas secundários, a classificação gramatical, o étimo, remissões possíveis, a definição, a abonação, devidamente identificada quanto ao fólio e linha.

Com base nesses fundamentos adotou-se a microestrutura básica dos verbetes proposta por Machado Filho (2012, p. 385).

Essa microestrutura, definida como o “conjunto de itens e indicadores”, em que *item* representa “cada uma das informações fornecidas sobre um lema em um verbete” e *indicadores tipográficos* “as marcas tipográficas (itálico, negrito, colorido etc) e *não-tipográficos* (sinais, símbolos, parênteses etc)”,¹¹ assume a definição com base no contexto, quando possível, podendo, inobstante, incorrer em estratégia de sinonímia (SAMPAIO, 2014).

Quanto a essa estratégia definitória, considera Machado Filho (2003) que

recuperar a organização do conteúdo lexical total de um dado item no uso sociolingüístico, em um momento específico da história, tem se traduzido como improvável, se se considerar o nível de imprecisão a que se poderia chegar em relação ao próprio nível de conhecimento fragmentário que se tem da sincronia que se pretende (...) caracterizar" (MACHADO FILHO, 2003, p. 21).

¹¹ Essas definições fazem parte de anotações do curso de léxico, da disciplina Seminários Avançados I, ministrado pelo Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, em 02 de maio de 2012.

Outro item incluído na microestrutura, como previamente indicado, foi o referente à etimologia, que aparece entre parênteses (), sobre o qual, seguindo o que sinaliza Viaro (2011, p. 99), tomou-se o cuidado “necessário” para não se confundir **étimo** com **derivação morfológica**. A respeito dessa preocupação indispensável no tratamento da informação, Viaro (2011, p. 99) esclarece:

No étimo, por definição, a *mesma* palavra sofre mudanças fonéticas e semânticas sem nenhum aumento ou decréscimo de elementos de formação (como prefixos e sufixos); já na derivação, trata-se visivelmente de *palavras distintas*. (VIARO, 2011, p. 99).

As fontes de consulta etimológica – que sucedem a etimologia apresentada no glossário – são alçadas ou sobrescritas, em fonte menor, e foram extraídas dos dicionários etimológicos mais conceituados e disponíveis, nominalmente o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha (1982); o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009); o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1952); e para a consulta dos itens onomásticos, foram utilizados o *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa* (2003), de José Pedro Machado, o *Diccionario de nombres propios*, de Roberto Faure (2002), o *Dictionnaire Etymologique*, de Albert Dauzat (1938), o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Rosário Mansur Guérios (1981), todos devidamente indicados nas referências.

Quanto à classificação gramatical, vale ressaltar que embora se reconheça que os agrupamentos de palavras pautados na tradição gramatical sejam “arbitrários” e engessem “nossa visão sobre os fatos reais” (VIARO, 2011, p. 235), deve-se concordar que essa “terminologia usada de forma duradoura” contribui em alguma instância para a compreensão do item lexical, uma vez que vem servindo de “metalinguagem para a comunicação entre linhas teóricas distintas” (VIARO, 2011, p. 236). E por esse motivo, a função gramatical específica de cada item foi indicada com base na NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), a qual

propõe 10 classes de palavras, a dizer: substantivos, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

A classificação gramatical aparece abreviada e, em se tratando de substantivos, vem acompanhada do gênero (masculino/feminino) e do número.

As abonações constituem uma parte importante do verbete, tendo em vista que é no uso que se pode reconstruir, ainda que em parte, a informação semântica dos itens lexicais patentes no manuscrito. Nesse sentido, foram as abonações extraídas da edição semidiplomática, considerando como indicador tipográfico importante o negrito em todos aqueles que se caracterizem como lemas, a que estas se refiram.

Todas as variantes de natureza gráfica – ou lemas secundários – são inseridas seguidas do sinal til (~) na cabeça do verbete, além disso, aparecem como entradas remissivas. Todas as formas gráficas são abonadas no primeiro verbete em que a variação é registrada.

Vale assinalar que as questões de método aqui registradas devem inspirar a ampliação e não encerrar o debate. Não se trata de um estabelecimento de uma metodologia que simplifique o trabalho com os dados do espólio fragmentário que deve basear os trabalhos investigativos em lexicografia histórica, mas do compartilhamento de possibilidades e de um convite para o debate.

3 OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UM VOCABULÁRIO DAS FORMAS VERBAIS PATENTES NAS CANTIGAS SATÍRICAS DO *CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (COLOCCI-BRANCUTI)*

Machado Filho, em vários trabalhos, tem alertado para a necessidade de inventariação do comportamento gramatical dos verbos no português, chegando a afirmar que essas unidades da língua demonstram “um comportamento flexional bastante prolífico e produtivo na história da escrita” (MACHADO

FILHO, 2012, p. 382), apresentando-se como uma importante fonte para a ampliação do conhecimento do processo de constituição histórica da língua portuguesa.

O seu *Dicionário etimológico do português arcaico* (2013), supracitado, é prova disso, já que resgata formatos morfológicos e valores semânticos bastante fecundos desse período da língua, conquanto muito inusitados para os padrões de uso hodiernos.

Sua posição comprova-se, por exemplo, em textos mesmo do século XV, quando a língua já caminhava para uma configuração que viria a representar o português moderno. No *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, desse período, editado por Sampaio, em 2013, existem fartos exemplos disso, como no pequeno fragmento abaixo destacado do fólio 73r da obra:

E des aly. | podem os sangrados. tã bem em tempo de liçõ come de laour./
iazer | **em seos leitos. ou seer no cabidoo.** e na claustra./ ataa que | entrem
ao coro. Semelhauilmente. o que steuer fora do coro. nõ | lea nem cante.
(SAMPAIO, 2014, p. 161).

Vê-se claramente que os verbos ‘jazer’ e ‘ser’ para além de apresentarem grafias etimologizantes, conservam seus valores originais de ‘estar deitado’ e ‘estar sentado’, respectivamente, que foram posteriormente alterados para ‘estar morto’ e ‘existir’.

Se se utilizassem esses verbos no Imperfeito do modo Indicativo, em terceira pessoa do discurso, por exemplo, haver-se-ia de constatar que seus formatos deveriam ser nesse momento os de *iazia* e *siiia*, sendo este último completamente desconhecido na contemporaneidade, já que foi substituído por *era*, derivado do verbo latino *esse*, como se sabe.

Isso prova a importância de se promoverem trabalhos de pesquisa que se voltem ao levantamento, observação e inventariação dessas unidades lexicais para recomposição da história da língua portuguesa.

Foi isso que a princípio motivou o projeto de investigação de doutoramento desenvolvido também no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia.

Uma leitura prévia das cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional revelou formas verbais finitas e infinitivas tais como **oí, jaz, maer** (B143); **avilastes, gaar** (B1585); **emparar** (B1585); **fal** (B 1636); **avém, baralha** (B1645); **terrei, ementam** (B1650) etc, o que comprovava seu valor histórico-linguístico para a recomposição do cenário dos verbos em uso no período arcaico do português.

No entanto, para se poder concretizar essa tarefa, com recurso às estratégias metodológicas da lexicografia contemporânea, haveria a necessidade de se dispor de uma versão digital desse *corpus* com vistas a garantir o perfeito processamento dos dados, o que demandou a necessidade de uma nova edição, a despeito da existência de várias leituras já realizadas como as de Machado e Machado (1949-1964), Mercedes Bréa (1996), Lapa (1965; 1970), Lopes (2011-), Ferreira (2018-).

Atrelado a isso, no que diz respeito ao design estrutural, ou seja, a macroestrutura de um produto lexicográfico – como glossários, vocabulários e dicionários –, há a necessidade de um sistema de remissões bastante complexo, senão perdulário, em função da característica volátil, variacional dessas unidades.

No caso dos verbos, cerne do trabalho lexicográfico ora desenvolvido, “por normalmente exibirem um comportamento flexional bastante prolífico e produtivo na história da escrita, podem e devem conformar-se aos ditames tradicionais de lematização” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382), conquanto condicionados à estratégia de falsa entrada morfológica quando não identificados os infinitivos no *corpus*.

As decisões tomadas na construção de cada verbete devem nortear-se pelo já mencionado intuito de registrar a variação tão cara a documentação do período arcaico, apresentando estratégias metodológicas que evidenciem para o consulente as formas patentes no *corpus* selecionado e sublinhem o que é meramente remissivo.

Optou-se, então, por considerar que se uma unidade verbal só foi identificada em formatos finitos, o lema principal trará indicadores próprios para alertar quanto a não ocorrência do formato canônico. Exemplificando, seria o caso de verbos como *affrontar*, cuja entrada no glossário seria **affront[ar]**, em razão de só ter sido identificada apenas no Imperativo Negativo.

Utilizadas para reconstituir, ainda que parcialmente, a informação semântica dos itens lexicais, as abonações apresentadas foram extraídas da edição diplomática realizada, considerando como indicador tipográfico importante o negrito em todos aqueles que se caracterizem como lemas. Por esse motivo, no glossário apresentado, as abonações serão feitas por estrofes independente de haver ou não ocorrências repetidas em outros tempos.

Os modos e tempos são identificados seguindo a ordem e códigos: INF – Infinitivo/IP – Indicativo Presente/IPP – Indicativo Pretérito Perfeito/IPI – Indicativo Pretérito Imperfeito/IP+ – Indicativo Pretérito-mais-que-Perfeito/IF – Indicativo Futuro/C – Condicional/CP – Conjuntivo Presente/CPI – Conjuntivo Pretérito Imperfeito/CF – Conjuntivo Futuro/IA – Imperativo Afirmativo/IN – Imperativo Negativo/G – Gerúndio/PP – Particípio Passado/INFL – Infinitivo Flexionado.

Ao lado desses códigos, exceto nas formas nominais (Infinitivo, Gerúndio e Particípio Passado), consta um algarismo entre 1 (um) e 6 (seis), assinalando a pessoa referente à forma destacada na abonação.

O gênero e o número das formas do Particípio Passado são indicados por duas letras minúsculas: m = masculino ou f = feminino e s = singular; p = plural).

As variantes de natureza gráfica – ou lemas secundários – são inseridas seguidas do sinal til (~) na cabeça do verbete aparecem, além disso, como entradas remissivas.

Deve-se esclarecer que, embora tradicionalmente utilize-se a sigla B para fazer referência ao Cancioneiro, no trabalho lexicográfico adota-se a sigla cnbp, mantendo-se o padrão dos verbetes do DEPARC, de identificar as obras em que constam as abonações com 4 (quatro) letras.

Adota-se também uma estratégia metodológica utilizada no processo de lematização dos verbos, denominada por Machado Filho de *falsa entrada*,

a nomenclatura deveria idealmente comportar não apenas toda a variação detectada nos *corpora*, mas, também, fomentar uma estratégia de "falsas entradas" em português moderno – somente quando estritamente necessárias – devidamente sinalizadas, contudo, com indicadores estruturais, tipográficos e não-tipográficos, como elementos facilitadores de consulta, isto é, nos casos especiais em que a alfabetação pudesse ser comprometida (MACHADO FILHO, 2012, 384).

Ou seja, como o item não consta no *corpus* no formato hoje reconhecido pelo falante, busca-se com essa estratégia permitir a rápida identificação do consulente em sua necessidade de pesquisa. Como exemplos de falsas entradas apresentadas no glossário elaborado, têm-se: **[batizar]** → baticar; **[beber]** → beuer; **[cair]** → caer; **[confiar]** → cufi[ar]; **[confundir]** → confund[er].

O verbo *olhar*, por exemplo, tão comum no português atual, não aparece no formato contemporâneo nas cantigas estudadas nem na nomenclatura do *Dicionário do Português Arcaico*, construído a partir de um notável conjunto de *corpora* do período. Nos textos satíricos do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, consta apenas a forma finita da sexta pessoa, do Pretérito Imperfeito, do modo Conjuntivo – *aolhassem*¹² – e, por essa razão, na nomenclatura do glossário construído registra-se a *falsa entrada* **[olhar]** para encaminhamento da consulta ao verbete **aolh[ar]**.

¹² Cf. Cantiga de nº 461 ou verbete *aolh[ar]*.

Dado o exposto, constata-se que a adequada integração de natureza remissiva dos lemas secundários, ou seja, dos itens que representam formas variantes, é realizada com o propósito de permitir ao consulente, ao interessado na história do léxico, uma rápida e adequada identificação do processo de lematização.

Ratifica-se neste trabalho que o conhecimento do vocabulário específico do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* é, dado o seu valor testemunhal, uma importante empresa para a investigação da constituição histórica do português. Nesse sentido, a estudo e a sistematização dos demais itens do léxico desse *corpus* e do *Livro dos Usos da Ordem de Cister* ainda estão na agenda de estudos por se cumprir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de pesquisa sobre os passados remotos da língua portuguesa, certamente, ecoa os versos de Agualusa (2017, p. 12): “Nada passa, nada expira / O passado é um rio adormecido / parece morto, mal respira / acorda-o e saltará num alarido”.

Compreender esse alarido é, pois, o desafio dos pesquisadores que se interessam pela documentação remanescente, uma vez que, no esteio do que afirmou Mattos e Silva (2006; 2008), crê-se que não é possível apreender a totalidade do passado, mas apenas dele “aproximar-se”, pois por ser a realidade uma interpretação de um ponto de vista, será sempre inapreensível. Os resultados de pesquisas sobre as fases mais remotas da língua só se conhecem parcialmente, na mesma dimensão da fragmentariedade do espólio histórico.

Nesse sentido, inscrita em uma reflexão maior acerca do léxico, sua unidade de comportamento e seus desdobramentos teóricos, tencionou-se, neste trabalho, postular possibilidades teóricas e metodológicas para a lexicografia

histórico-variacional, validando a partir das seleções dos *corpora* analisados, as contribuições para o estudo linguístico das interpretações dos “passados acordados” por meio da investigação dos textos medievais, em perspectiva histórica, para a pesquisa sobre a constituição histórica do léxico da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, *O vendedor de passados*. Portugal: Quetzal, 2017.
- BARCELOS, Maria Emília. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos (org.) *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 142-146.
- BORGES, Rosa; SANTOS, Risonete Batista; SOUZA, Arivaldo Sacramento. *Filologia e Edição de Texto*. Edição de Texto e Crítica Filológica. 1ed.Salvador: Quarteto, 2012, v. 1, p. 15-59.
- CANCIONEIRO, da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) Cód. 10991. Reprodução fac-similada com apresentação de Lindley F. Cintra. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- DAUZAT, Albert. *Dictionnaire Étymologique des noms de famille et prénoms de France*. Ed. Librairie Larousse. Paris, 1951.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DICK, Maria Vincentina de Paula do Amaral (1992). Aspectos Funcionais da Antroponímia. In: DICK, Maria Vincentina de Paula do Amaral (3ª Ed., Coletânea de estudos.). *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP. P. 178-202.
- FAURE, Roberto. *Diccionario de nombres propios*. Madrid, ed. Espasa, 2002.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: Isquerdo A, Krieger MG. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 2. Campo Grande: Editora UFMS; 2004. p. 19-30.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n.29/30, p. 15-29, 2003.

-
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diálogos de São Gregório: Edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Lexicografia Histórica e Questões de Método. In: LOBO... [et al.] Organizadoras. *Rosae: linguística histórica história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p.381-390.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. *Filologia e Linguística Portuguesa* (online), v. 16, p. 261-275, 2014.
- MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farâni. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 3ª ed. Editora Ave Maria Ltda, 1981.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MIRA-MATEUS, M. H. Elaboração de glossários: problemas, métodos e técnicas. In: PEREIRA, C.; PEREIRA, P. (Orgs.) *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, pp. 289-298.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio: Francisco Alves. 1952.
- SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. *Cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional: Edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.
- SAMPAIO, Lisana R. T. Sampaio. *Edições e estudo do Livro dos Usos da Ordem de Cister, de 1415*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014.
- ULLMANN, Stephen. O significado. In: ULLMANN, Stephen. (5ª Ed.). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Cap. III, 1987, p. 111-164.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 103-113.

A AUTORA E O PPGLinC

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

Docente do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na área de Língua Portuguesa e Ensino, tenho em minha atuação o rigor e a excelência que aprendi ao longo das pesquisas de mestrado (defendida em 2014) e doutorado (2018) realizadas no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPLinC) com o apoio dos financiamentos da CAPES. No mestrado, pude, além de cursar as disciplinas ofertadas pelo Programa, desenvolver uma edição interpretativa e um glossário do manuscrito Livro dos Usos da Ordem de Cister, datado de 1415. Nesse mesmo ano, comecei a desenvolver a pesquisa de doutorado que consistiu na elaboração de uma edição diplomática das cantigas de sátiras do Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) e um glossário das formas verbais patentes nesse espólio, contei com o suporte fundamental dos professores do Programa, nomeadamente do professor Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, cuidadoso orientador da dissertação e da tese, da professora Dr^a. Risonete Batista, coorientadora da pesquisa, especialista na documentação investigada e da professora responsável pelo estágio sanduíche, realizado em Coimbra, em 2017, professora Dr^a. Clarinda Maia. É com as bases que tenho em minha experiência neste Programa que, atualmente, desenvolvo a pesquisa intitulada O léxico da língua portuguesa no alvorecer do português moderno: o testemunho da documentação pedagógica do século XVI e que mantenho o fôlego para continuar aprimorando meus conhecimentos e expandindo os meus interesses.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de outubro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de março de 2021.